

A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO



MARIANA APARECIDA GARCIA

Graduação em Pedagogia; Professora na Rede Pública de SP.

RESUMO

O presente artigo apresenta resultados de uma pesquisa realizada com professoras acerca da Diversidade étnico-racial, e teve como objetivo geral analisar as concepções de professoras em relação ao trabalho com o tema da diversidade étnico-racial neste nível de ensino. No Brasil, mesmo sendo um país multicultural, ainda existe muitos conflitos com relação a cor da pele, os negros vivem em condição de inferioridade e de submissão, enquanto os brancos são vistos como superiores e por isso se sentem no direito de discriminar e de excluírem por conta de aspectos físicos e culturais. Atitudes de discriminação e preconceito, apesar de muitos acharem que não, já são vistas na relação das crianças umas com as outras, por isso, o ensino da cultura afro-brasileira é tão importante, para que desde pequena a criança aprenda a aceitar a diferença do outro e valorizar cada indivíduo pelo que é. As instituições precisam trazer essa temática para dentro da sala de aula, e o corpo docente deve estudar e se especializar diante do tema, para conseguir promover práticas promotoras de igualdade racial. A pesquisa foi de natureza qualitativa e o instrumento utilizado para coleta de dados foi o questionário. Com os resultados da pesquisa, ficou perceptível que ainda existe uma grande lacuna no ensino das relações étnico-raciais nas salas de aula, e por isso que é preciso pensar em um currículo escolar que tenha essa temática inserida para combater o preconceito dentro da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Alunos; Inclusão; Jogos.

INTRODUÇÃO

Esta proposta visa atender a todos os alunos do ensino fundamental II, publico alvo deste

estudo, independente da condição física ou psíquica dos alunos.

Faz-se necessário refletir sobre sua abordagem nas aulas de Educação Física na escola. O esporte orientou e ainda orienta a prática profissional de muitos professores na escola, guiados especialmente pelo “quarteto fantástico” (futsal, basquetebol, handebol, e voleibol) (Silva, Sabrina Miguel da – rio Claro, 2020).

Sendo assim, levamos em consideração analisar, entender e propor novas práticas e possibilidades pedagógicas de esportes não convencionais no ambiente escolar. A parceria adota nas aulas entre os profissionais da área, levou a escolha das seguintes modalidades, após verificação de materiais disponíveis para sua realização. Escolheu-se as seguintes modalidades: Freesby, Bocha, voleibol sentado, e basquetebol em cadeiras de rodas (nesta modalidade usou-se colchonetes substituídos as cadeiras, onde os alunos não poderiam utilizar os membros inferiores para locomoção).

A busca de soluções para que aquelas crianças que se recusavam diariamente a prática das atividades, e a sua criatividade nas justificativas com o objetivo de não participar das atividades nos levantou o questionamento, a cobrança de roupas adequadas, a orientação de participação destas atividades, e a escuta de muitos destes alunos, nos levou a perceber alguns dos reais motivos da recusa de grupos dentro das salas de aulas, nota-se que este relato aconteceu em todas as salas do ensino fundamental II de sexto ano até o nono ano do ensino regular na escola pública municipal da cidade de São Paulo.

A disciplina em si engloba tanto a adaptação ao corpo quanto a uma reflexão de comportamento corporal. Logo ela não se limita somente ao desenvolvimento muscular, mas também ao entendimento da importância da forma, da dinâmica e do estilo do movimento. Assim, a Educação Física tem o intuito de levar o adolescente a um gasto de energia em atividades prazerosas e recreativas, permitindo que ele relaxe, perceba seu corpo e saiba controlá-lo, contribuindo para a convivência em grupo. A disciplina em questão permite ainda, a aprendizagem dos esportes, que lhe serão úteis inclusive na sua vida em sociedade, ajudando-o a descobrir a pluralidade e a riqueza de movimentos que o seu corpo lhe possibilita. por fim, ela deve unir e englobar o aspecto cognitivo ao afetivo-social, permitindo assim o desenvolvimento integral do adolescente (VIEIRA, 2002).

O olhar da equipe de professores ao longo de vários períodos lecionando nas escolas públicas municipais, é a de que o número de alunos que optam em não fazer as atividades oferecidas nas aulas de Educação Física, cada vez aumenta mais, e isto pode-se notar não só nas escolas públicas, mas também nas escolas da rede privada.

Segundo Neto (2010) é de fácil identificação o desinteresse dos alunos nas aulas de Educação Física, porque a matéria é pedagogicamente ministrada com a utilização do corpo para a realização das atividades, logo se existir a recusa o professor perceberá facilmente., diferente de uma lista de exercícios de outra disciplina qualquer, onde o aluno terá a opção de assinalar uma resposta qualquer e se livrar rapidamente da tarefa. E acrescenta ainda, que esta evasão está relacionada com a dificuldade financeira , que algumas famílias enfrentam, forçando as crianças a largarem a escola à procura de empregos para ajudar nas despesas de casa.

Ao realizar essa pesquisa tive acesso a uma infinidade de textos que possibilitaram ter um

olhar mais cauteloso referente ao tema da proposição desta pesquisa. Destaco alguns livros que foram fundamentais: *Relações étnico-raciais em contexto escolar*, organizado pela professora doutora Lúcia Maria de Assunção Barbosa. Trata-se de uma obra fundamental, pois os autores refletem sobre como a questão racial é abordada dentro do contexto escolar.

O livro *Relações Raciais no Cotidiano Escolar: diálogos com a lei 10.639/2003* complementou as provocações ressaltadas pelos autores da primeira obra, pois trouxe um compilado sobre a aplicação de Lei 10.639/03, em diferentes campos educacionais, desde as séries iniciais até o ensino superior. No livro *Educação antirracista: compromisso indispensável para um mundo melhor* organizado pela professora doutora Elaine Cavalleiro.

Trata-se de copilado de textos que trazem olhares diferenciados em relação à questão racial, conflitos raciais. No livro *Superando o racismo na escola*, organizado pelo professor Kabengele Munanga constam onze textos que tratam do racismo no ambiente escolar.

Os autores com seus textos tentam desconstruir estereótipos racistas que estão presentes na vida escolar durante séculos, o público alvo do livro são professores da educação básica. Uma questão que passa a ter grande relevância é a elaboração de um currículo que abranja as relações étnico-raciais e os direitos humanos no conteúdo programático dos alunos. O currículo possibilita a criação de práticas pedagógicas diversas que se entrecruzam, dialogam e se configuram, construindo deste modo significados concretos dentro de sala de aula.

O currículo não pode ser entendido como uma lista de conteúdos a serem repassados aos alunos, mas deve ser visto como uma prática pedagógica que se dá de maneira efetiva nas ações e posturas dos educadores diante dos conteúdos a serem trabalhados. O professor não constrói sozinho, este processo ele se dá a partir das influências sofridas por todo seu contexto social e educacional.

A construção do currículo deve ser compreendida como um processo dinâmico, que envolve professores, alunos, gestão escolar, sociedade entre outros. Sabemos que temas que envolvem questões étnico-raciais e direitos humanos são difíceis de serem trabalhados nos currículos, porém, um dos desafios dos educadores é inserir esses temas no dia a dia de sua comunidade. Há uma necessidade de modificar nossas concepções pedagógicas nos mais diferentes contextos educativos. Assim, o corpo docente e discente precisa adotar essas medidas como estilo de vida, um ideal a ser seguido, para que sua prática diária se traduza em ações efetivas em defesa dos direitos Humanos.

APRENDIZADO

Nossa equipe de profissionais a serviço nos anos de 2018 e 2019, onde posso me incluir nesta unidade de referência, local do objeto de estudo e relato, éramos detentores de uma visão no mínimo diferenciada das aulas oferecida aos alunos, num primeiro momento romper a barreira criada pela cultura futebolística, que em determinadas regiões na cidade de São Paulo é dominante, e também mostrar a todo o restante que as aulas de Educação Física não tem o caráter apenas de distrair os alunos, promover diversão nos intervalos, ou na ausência do professor de qualquer outra

disciplina. Mas o incentivo a prática correta desta disciplina é de extrema importância no termômetro emocional da escola. A sua prática como já dito anteriormente é importantíssima na vida pessoal de cada aluno. É fundamental que saibamos e deixemos claro exatamente quais seriam os tais benefícios da prática e da inclusão de esportes na vida escolar.

Os esportes praticados desde o mundo antigo, cultuavam a perfeição e a competição esportiva, era uma honra ser um atleta, e por conta disso são criadas as Olimpíadas, que no decorrer do tempo são adequadas a evolução da sociedade. Em decorrência disto o esporte ultrapassa o aspecto puramente físico, trata-se de atividades que integram corpo e alma, além do fator que nos interessa diretamente, formar noções de cidadania e o desenvolvimento de habilidades fundamentais a vida do ser humano.

Em nosso trabalho tivemos como objetivo transmitir aos alunos como um os benefícios da prática do esporte, que o desenvolvimento da autonomia de cada um poderia e pode ser trabalhado para que estes jovens trilhem seus próprios caminhos num futuro não muito distante, que possam enfrentar os desafios que virão pela frente com dignidade, respeito. Através da prática esportiva, o autoconhecimento, levará os jovens a identificarem seus limites, virtudes e deficiências, fazendo com que trabalhem para encontrar o equilíbrio, através do desenvolvimento de seu raciocínio lógico.

EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA

Uma educação física Inclusiva, na perspectiva inclusiva, procuraria trabalhar conhecimentos da cultura corporal e não o desenvolvimento das aptidões físicas ou das habilidades motoras. Essa modalidade dialoga com questões de direitos humanos, sendo orientada pela equiparação de oportunidades e respeito às diferenças. (diversa.org.br).

A consciência do profissional de Educação Física em atividade na escola deve estar voltada a garantir o desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor de todos os estudantes, não apenas daqueles que apresentarem alguma deficiência. Numa concepção mais antiga, todos nós olhávamos apenas para uma disciplina voltada apenas para a prática da ginástica, com a finalidade de deixar o corpo saudável, para a descoberta de novos talentos atléticos, deixando muitas vezes de olhar para os benefícios que a Educação Física, e agora Inclusiva pode proporcionar.

De acordo com o site “educamaisbrasil.com.br”, podemos citar tais benefícios:

- Desenvolvimento motor;
- Contribuição para a integração social;
- Colaboração no desenvolvimento e autoconfiança;
- Melhora na autoestima;
- Redução do estresse;
- Prevenção de doenças do coração e respiratórias.

Ainda de acordo com o site “educamaisbrasil.com.br” podemos dizer que não existem políticas públicas exclusivas para a Educação Física Inclusiva no Brasil. Porém, duas iniciativas governamentais visam assegurar e promover condições igualitárias aos deficientes no âmbito educacional, a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) e os parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)

A LBI em seu capítulo IV – Do direito à educação diz que:

“ Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar, acesso da pessoa com deficiência, em igualdade de condições, a jogos e a atividades recreativas, esportivas e de lazer, no sistema escolar. (Art. 28, parágrafo XV)

FOCO

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.” (BONDIA, 2002, p. 20)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo identificar por quais motivos, diferentes perfis de alunos, nas aulas de Educação Física ministradas no ensino fundamental II, apesar de mudanças contínuas de estímulos, permaneciam alheios as atividades, isto nas atividades mais costumeiramente desenvolvidas nas aulas a esta faixa etária, onde as mais variadas justificativas eram apresentadas pelos jovens alunos para não participarem.

Após um período de observação, a decisão em conjunto em aplicar atividades onde as habilidades de determinados grupos de alunos, com um perfil atlético, aqueles que se apresentavam em qualquer das modalidades esportivas com destreza, participando e se destacando, inibindo na maioria das vezes os alunos mais tímidos, ou que apresentavam mais dificuldade, e evitando a participação para não serem apontados através de comentários, ou aquele que nunca seria escolhido para jogar, ou porque “ o gordinho joga no gol”, atitudes tão discutidas em busca de soluções nos dias de hoje.

A escolha de uma modalidade onde estas qualidades estivessem igualadas, nos levou ao ensino da BOCHA, estudamos e apresentamos de maneira teórica as regras, apresentando aos alunos do ensino fundamental II, do 6º aos 9º anos, atingindo cerca de 300 (trezentos) alunos.

O estabelecimento de ensino onde se aplicou o trabalho, possui um arsenal de materiais esportivos invejável, todos muito bem alocados, e em ótimo estado de conservação, a equipe gestora,

participativa, e muito exigente no tocante a utilização e cuidados durante as aulas de educação física foi um fator importantíssimo para a realização do projeto.

Estes materiais esportivos, colchões, bolas de handebol, bolinhas de tênis, foram adaptados, para que os gestos, e a prática das regras da modalidade pudessem ser aplicados junto aos alunos.

Num primeiro momento, foram criadas as canchas com dimensões aproximadas das oficiais para se jogar o esporte, os alunos foram trazidos, apresentados ao local de jogo, pudemos também observar os comentários sobre a modalidade, “isto é jogo de velho”, mas após iniciarmos o trabalho de ensino prático, suas opiniões começaram a mudar.

Neste feito foi observado a mudança dos perfis dos participantes, e o aumento de interesse de todos os alunos das diversas séries desde os sextos anos até os nonos anos do ensino fundamental, a partir do momento, que perceberam ser apenas necessário desenvolverem duas qualidades predominantes como concentração e sensibilidade, igualando assim suas chances de sucesso ou resultados sobre os ditos “atletas”, aqueles alunos que se auto excluía das atividades esportivas, passaram a se integrar participando desta atividade entre outras que posteriormente foram aplicadas.

Observamos que diante deste novo desafio, alguns alunos se destacaram em sua realização, que foram: as meninas dos oitavos anos, e alguns alunos portadores de alguma necessidade especial, neste caso se destacaram acima da média, uma aluna de sétimo ano portadora de deficiência auditiva, e um aluno de sexto ano autista, com relação a este último, só foi batido no torneio que foi realizado inter classes da modalidade na final, pois o mesmo precisava de alguns lances iniciais para conseguir o movimento perfeito, ou a concentração necessária para jogar. Chegamos então à conclusão, que o oferecimento de atividades adaptadas possibilitando a inclusão e participação de todos os alunos em condição de igualdade, podemos afirmar que a participação e o nível de interesse de todos os alunos, é certamente aceito por todos, por saberem não haver nenhum tipo de discriminação ou favorecimento.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução: João Wanderley Gerald. Revista Brasileira de Educação. n.19, jan./abr., 2002, p. 20-28.

MENEZES, R. A. **Etnografia do ensino médico em Jogos**. Interface, 9: 117-132, 2006.

NETO, Alexandre. **Mercado Financeiro: exercícios e prática**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

VIEIRA, S. V.; XAVIER, R. F. **Esportes coletivos: voleibol**. ... In: TAVARES, F. **Jogos Desportivos Coletivos: Ensinar a Jogar**. 2002.